

## **Ensino de Biologia para alunos com Surdez: Uma análise da prática pedagógica docente**

DAMIÃO MICHAEL RODRIGUES DE LIMA

### **RESUMO**

Este artigo desenvolve experiência na área de Educação de Surdos no campo das Ciências da Natureza, com a disciplina de Biologia, entendida como um ramo privilegiado de práticas que ocorrem no nível das relações sociais estabelecidas cotidianamente pelos profissionais envolvidos no âmbito institucional. Cujo objetivo é verificar a eficácia das metodologias adotadas pelo professor, no ensino de Biologia com alunos com deficiência auditiva. Nesse sentido, as experiências analisadas apontam para a importância de se dispor de abordagens teórico-metodológicas adequadas, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de alunos com necessidades especiais, Surdos, e as metodologias usadas por professores de Biologia em uma escola do Ensino Médio com Educação Inclusiva no município de Iguatu, Ceará.

**Palavras-chave:** Ensino. Metodologia. Surdos.

### **JUSTIFICATIVA**

Os espaços pedagógicos das salas de aula e a prática docente no sistema regular de ensino devem despertar no educando a curiosidade pelo conhecimento, prazer pelas aulas e afirmar a qualidade no processo ensino aprendizagem. Assim afirmamos, porque reconhecemos ser a escola o fundamental espaço na preparação de crianças e jovens para o mundo do trabalho e as relações cidadãos com o meio físico, natural e social.

Nas aulas de Biologia um professor (a) atento (a) aos questionamentos e proposições levantados diante dos temas abordados, pode desconstruir uma prática ainda corriqueira, no que diz respeito a assuntos trabalhados dissociados do cotidiano do educando. Devendo ser considerado a efetiva inclusão do aluno com surdez neste processo.

Essa é uma experiência construída a partir da Licenciatura em Biologia, que somada à formação e atuação como Tradutor Intérprete de Língua de Sinais – TILS, principalmente em salas do ensino fundamental e médio, como outras relações com a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS trazem as inquietações que fundamentam este trabalho.

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, surge na minha vida durante a infância, pois próximo a minha casa residia uma pessoa com surdez que não dominava esta língua mas que se comunicava a partir de gestos. Eu não me aproximava deste meu vizinho em virtude de seu comportamento agressivo, os meninos da rua zombavam dele por ser surdo e por não conseguir se comunicar da mesma forma que os outros, assumi, portanto, a postura de associar às pessoas com surdez ao mesmo.

Em 2003, fui morar na cidade do Crato-CE, onde participei de uma igreja evangélica que desenvolve um trabalho de ministério com surdos, foi aí que percebi que, ao contrário do que eu entendia, as pessoas com surdez são pessoas “normais” que apenas se comunicam de forma diferente e que sempre estão dispostas a ensinar sua língua. No ano seguinte, retornando para minha cidade natal, fiz um curso básico de libras em contexto para pessoas ouvintes, comecei a participar de atividades desenvolvidas pela comunidade surda e da fundação da Associação dos Surdos de Iguatu – ASI.

Em 2005, fiz o curso de formação de intérprete na cidade de Fortaleza-CE, promovido pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos do Ceará (FENEIS/CE). Até então eu não trabalhava com surdos, apenas participava como voluntário das atividades realizadas pela referida associação. Em agosto de 2006, comecei a trabalhar como intérprete em uma sala de inclusão com três alunos surdos. No mesmo ano ingressei no curso de Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Universidade Federal do Ceará (UFC), o qual já concluí. No ano de 2010 participei como facilitador de uma Formação de Gestores e Educadores: Educação Especial Inclusiva na cidade de Araguaína-TO.

Já tive a oportunidade de atuar como intérprete em salas especiais e inclusivas, na educação infantil, ensino fundamental, médio e atualmente estou como intérprete numa sala de Atendimento Educacional Especializado em uma escola de ensino médio, no acompanhamento a uma aluna com deficiência auditiva.

A grande problemática na educação dos brasileiros com surdez gira em torno do processo de aquisição da Língua Portuguesa, tanto sua leitura como escrita. O fato da pessoa com surdez não adquirir a língua oral de forma espontânea tem ocasionado barreiras na comunicação o que tem tornado a escrita e a interpretação dessa língua, extremamente precários.

O contexto educacional no qual as pessoas com surdez estavam inseridos por um longo período de tempo foi baseado num modelo que visava o desenvolvimento da expressão oral. Oralismo ou método oral é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral.

Pessoas com surdez foram consideradas como sujeitos que não podiam ser educados, totalmente marginalizados, não participando, por exemplo, nos processos políticos de tomada de decisões, o que ocasionou que os “ouvintes” decidissem, ao longo de séculos, por suas vidas. Os gestos usados por eles mesmos produzidos de forma espontânea eram incapazes de transmitir conceitos abstratos sendo considerados apenas um suporte da comunicação oral.

Pesquisas de autores como Góes (1996) e Quadros (1997) têm comprovado que a forma de encarar o ensino com ênfase na comunicação gestual, no aspecto comunicativo e depois no social têm trazido para discussão o sujeito com surdez e com ele tudo que envolve o seu jeito de estar no mundo, inclusive a sua língua, a língua de sinais. Levando em conta essa diferença é que no Brasil e em muitos países têm sido adotada uma filosofia de ensino, a do Bilinguismo, modelo educacional, o qual defende que o surdo precisa ter como primeira língua a língua de sinais e como segunda, a língua oficial do seu país na modalidade escrita.

O insucesso escolar para os alunos com surdez relaciona-se com a inadequação da escola para atender as suas especificidades de aprendizagem. A partir dessa ideia é que buscamos no campo teórico, referenciais que tentam resgatar uma visão globalizada do processo de aprendizagem e, conseqüentemente, identificar os problemas desse processo nas aulas de Biologia. Para Vygostski (1998) a aprendizagem é um processo de apropriação que ocorre na relação indivíduo-meio, e é essa relação que impulsionará o desenvolvimento

humano. Desse modo a mediação entre o universo social e o universo cultural tem fundamental contribuição no fracasso ou sucesso escolar do aluno.

A inadequação do sistema educacional também diz respeito à formação docente, pois este é peça fundamental na construção do conhecimento do educando, contribuindo com seus saberes, seus valores, suas experiências visando melhorias na qualidade social da escolarização. Para nós professores, e em específico da área da Biologia, a formação adequada só será possível quando primeiramente percebermos a sua necessidade. Como consequência concebe-se a formação de professor como uma transmissão de conhecimentos e destrezas que, contudo tem mostrado reiteradamente suas insuficiências na preparação dos alunos e dos próprios professores (Briscoe, 1991).

O fato de uma grande parcela dos professores não conhecer a língua de sinais é algo que deve ser levado em consideração quanto a não assimilação dos conteúdos ministrados nas aulas de Biologia. É aí que entra o intérprete de língua de sinais como um mediador da comunicação, e não um facilitador da aprendizagem, pois são papéis absolutamente diferentes e que precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas, sejam elas de nível básico ou superior.

A sala de aula deve ser considerada como espaço que pertence ao professor e ao aluno, sendo a organização do processo de aprendizagem exercida pelo professor e o educando sua responsabilidade. Geralmente esses papéis são confundidos, pois ao intérprete são direcionadas as dúvidas da sala e o professor delega ao mesmo o planejamento pedagógico dos conteúdos, principalmente para a aula do aluno com surdez.

Outra questão pertinente para pesquisar essa temática diz respeito às atividades desenvolvidas pelo professor na sala de aula. Conforme Gil-Pérez (1995) o interesse em programar atividades para aprendizagem, manifesta-se como uma das necessidades básicas formativas do professor.

A partir de minha vivência como intérprete, em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio da Educação Básica, constato que é notória, na prática de professores no momento da aplicação das aulas, os mesmos fazerem uso da transmissão dos conteúdos sem contextualização, assim os conhecimentos ficam longe da realidade social do educando, contribuindo para o desinteresse quer pela aula como pela disciplina. As atividades práticas

continuam atreladas a “questionários” sem problematização dos conteúdos abordados e as avaliações, também aplicadas em um único formato, contribuem mais ainda na exclusão dos alunos com surdez do processo de ensino e aprendizagem. Esse fator direciona toda a turma para a exclusão, numa perspectiva questionadora sobre tal problema e realidade. Apliquei entrevistas semi-estruturadas a alunos com surdez, da escola nos 1º e 2º anos, procedi com observação da prática pedagógica do professor de Biologia com os alunos com surdez e analisei os planos de aula.

Na análise desses resultados, as limitações pedagógicas dos docentes envolvidos perpassam por todas as disciplinas do Ensino Médio. Assim a partir do material coletado passo a fazer um recorte para aprofundamento da questão em pauta. Dessa forma, o foco passou a ser apenas uma disciplina, especificamente Biologia e as turmas foram as de 1º e 2º anos.

Minha atuação como TILS na escola acima citada deu-se no ano de 2008, onde acompanhei um aluno com surdez. Estive com este aluno durante todo o ensino médio interpretando todas as disciplinas, onde pude constatar que no momento da realização das atividades e das avaliações internas, esse sujeito surdo ficava alheio àquele contexto, na maioria das vezes não participando da resolução.

Para compreender essa gama de questões levantadas sobre a prática pedagógica com alunos com surdez, é preciso conhecer mais de perto o ensino de Biologia nas salas do ensino médio, assim como a formação dos professores. Analisar a aula desses profissionais para saber se eles apenas fazem uso do discurso oral explicativo ou se promovem situações didáticas problematizadoras entre conteúdo e a realidade social do aluno com surdez. Perceber se o professor de Biologia entende a real necessidade de tais procedimentos metodológicos no planejamento de suas aulas para alunos ouvintes e com surdez.

## **PROBLEMATIZAÇÃO**

A atuação pedagógica do professor é melhor compreendida quando se dirige um olhar mais atento para a formação dos professores e na relação dela com o fazer didático na sala de aula. Na educação é necessário a formação inicial dos professores, como sua formação continuada consistente e permanente, no dia a dia, nos planejamentos da escola, nos estudos e

pesquisas, na elaboração das aulas, na reflexão e na aprendizagem proporcionada pelo convívio com os alunos, com os próprios professores, com a família dos alunos e com os gestores. É preciso igualmente sensibilidade para as mudanças sociais e educacionais do atual contexto histórico, onde a escola também recebe alunos com surdez.

O ensino segundo Libâneo (1990) é um processo caracterizado pelo desenvolvimento e transformação progressiva das capacidades intelectuais dos alunos em direção ao domínio dos conhecimentos e habilidades e sua aplicação. Essa prática que é característica essencial da prática didática e pedagógica do professor é carregada de conflitos e valores diante do contexto histórico, social, cultural e organizacional que fazem parte da sua atividade docente.

São raros os professores habilitados para trabalharem com alunos com surdez em sala de aula. Em anos anteriores, os cursos de formação de professores não ofereciam subsídios para atuar nessa área, somente agora, salvo pela Lei Nº. 10.436 de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, fortalecendo a real necessidade da inclusão da LIBRAS como disciplina curricular em cursos de formação de professores para o exercício de magistério.

Para se trabalhar com alunos com surdez não é suficiente conhecer apenas a língua de sinais, é necessário conhecer também a sua cultura através da participação e vivência na comunidade surda.

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos dos seus membros e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para os alcançar. (PADDEN e HUMPHRIES apud STROBEL, 2008, p.30)

Um dos caminhos portanto foi a pesquisa da prática de ensino com um olhar mais atento as muitas dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pesquisa esta realizada durante as observações feitas nas aulas. A não assimilação dos conceitos, as dificuldades de interpretar os questionamentos, a concepção que os professores tinham de que os alunos com alguma deficiência não conseguiriam aprender ou desenvolveriam muito pouco essa habilidade.

Os resultados são inquietações, além dos seguintes questionamentos: Por que os alunos com surdez não conseguem decodificar a mensagem proposta nas atividades e/ou avaliações? Eles não sentem vontade de aprender, de interpretar um enunciado e buscar os conhecimentos prévios para auxiliarem na resolução das questões? As atividades propostas em sala favorecem a produção de sentido pelos alunos com surdez na perspectiva da leitura, interpretação e resolução?

Ampliar o alcance das pesquisas realizadas, onde a questão foi tratada de forma interdisciplinar, e agora seu enfoque é a partir das aulas de Biologia, possibilita responder essas perguntas. O objeto é a prática docente nas aulas de Biologia para alunos com Surdez. Daí o leque possibilita uma abertura a outras reflexões, tais como: De que forma é trabalhado o conteúdo de Biologia por seus respectivos professores? Em que pé está a relação dos professores de Biologia com o Interpretador de sua sala de aula e os alunos com surdez? Até que ponto o Professor de Biologia planeja suas aulas de forma a incluir o aluno com surdez? A avaliação inclui ou exclui o aluno com surdez das aulas de Biologia? Há preocupação pelos professores por sua qualificação continuada para o trabalho pedagógico com alunos com surdez?

Certamente na aplicação da pesquisa outros questionamentos surgirão, por sua vez, enquanto pesquisadores devemos estar de olhos atentos aos movimentos das relações sociais e o contexto em questão, assim nossa atenção irá recair nas relações didáticas entre professor de Biologia, alunos com surdez e intérprete de LIBRAS.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Essa pesquisa se fundamentou principalmente em estudos sobre o ensino de Ciências e em especial Biologia que por ser uma disciplina que estuda os seres vivos, ou mais precisamente, as características dos mesmos, bem como o comportamento e a origem das espécies, a forma que estes interagem uns com os outros e com o seu ambiente.

Ela proporcionou o descobrimento de explicações para uma série de fenômenos que estão acontecendo no mundo, fazendo com que o aluno participe de forma esclarecida de decisões que afetam toda a coletividade, como questões que envolvem a destruição de

ecossistemas, o aquecimento global, a perda da biodiversidade, o destino do lixo e outros, sendo de suma importância que o aluno surdo esteja inserido nesse contexto.

A Biologia é uma disciplina que ocupa lugar de destaque, graças ao avanço e a divulgação dos conhecimentos sobre o mundo. O seu aprendizado é um desafio para o estudante, pois nela são tratados conceitos que exigirão do mesmo dedicação e paciência.

Preparar o aluno para participar de uma sociedade complexa como a atual requer uma aprendizagem autônoma e contínua ao longo da vida, é uma luta que se tem pela frente. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) no que diz respeito ao ensino de Ciências, o grande desafio do professor é possibilitar ao aluno desenvolver habilidades e competências necessárias para a compreensão do homem na natureza.

O que tem prejudicado o seu aprendizado é que apesar da Biologia fazer parte do dia a dia das pessoas, o seu ensino encontra-se tão distanciado da realidade que não permite ao aluno perceber o vínculo estreito entre o que está sendo estudado na disciplina e o cotidiano, como questões relacionadas ao uso responsável e sustentável dos bens naturais, cuidado com o corpo, com a alimentação, higienização, sexualidade, dentre outras.

A educação de modo geral e a escola em particular, passam hoje por grandes dilemas, buscas e até mesmo incertezas no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos alunos. Uma dessas barreiras a serem vencidas é sem dúvida, a dificuldade de desempenhar o ensino no cumprimento de sua função maior, que é a de educar.

A escola é o espaço pelo qual se deve favorecer a todos os cidadãos o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a necessidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo da cidadania. Sendo no dia a dia escolar que crianças e jovens como atores sociais têm acesso a diferentes conteúdos curriculares, a ação pedagógica deve ser organizada de forma a efetivar o processo de aprendizagem de cada aluno, respeitando principalmente seu contexto social, além de suas limitações.

Ao estudar o processo de escolarização das pessoas com surdez nos reportamos não só aos assuntos relacionados aos limites e possibilidades, como também aos preconceitos



existentes na sociedade para com eles. Os surdos enfrentam vários entraves para participarem da educação escolar oriundos da perda auditiva e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Estes alunos podem vir a ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político cultural e ter consideráveis perdas no desenvolvimento da aprendizagem.

Nas últimas décadas diversos pesquisadores e autores como (Mantoan, Ropoli, Santos e Machado, (2010) realizam estudos que oferecem contribuições a educação de alunos com deficiência na escola regular, enfatizando a valorização das diferenças resultantes da multiplicidade e não da diversidade no convívio social, no reconhecimento do potencial de cada um, aprendendo com o diferente, não da forma como a diferença pela deficiência impõe e sim pela particularidade enquanto condição humana que é inerente a cada um.

Entendendo conforme Poker (2010), que as trocas simbólicas provocam a capacidade representativa desses alunos favorecendo o desenvolvimento do conhecimento e do pensamento em ambientes heterogêneos de aprendizagens. Se esse ambiente não oferece condições adequadas para que se estabeleçam as trocas simbólicas com o meio físico e social, não exercitando ou provocando a capacidade intelectual dessas pessoas comprometerá o desenvolvimento do pensamento.

## **INDICAÇÕES METODOLÓGICAS BÁSICAS**

O ensino é caracterizado pela combinação de atividades do professor e dos alunos. Com o auxílio do professor os alunos progressivamente atingirão o desenvolvimento de suas capacidades mentais. Para que esse processo seja eficaz, a sua direção dependerá do trabalho sistematizado do professor, tanto no que diz respeito ao planejamento como ao desenvolvimento das aulas.

Os métodos são realizados na relação conteúdos-objetivos referindo-se aos meios para o alcance dos objetivos gerais e específicos incluindo as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos. Entendemos que a pesquisa é uma atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. A atividade do ensino é alimentada pela pesquisa e atualizada frente a

realidade do mundo, sendo a metodologia o caminho e a prática dessa indagação no seu processo de construção.

As ações pelas quais as atividades de ensino são organizadas pelos professores constituem o caminho para que os objetivos do trabalho docente sejam alcançados com relação a conteúdos específicos. Regulam a forma de interação entre o ensino e a aprendizagem a fim de assimilarem de forma consciente os conhecimentos e adquiram o desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas dos alunos. Por isso é tão necessária a ênfase no planejamento das aulas e a atenção aos alunos com algum comprometimento ou até mesmo altas habilidades.

A pesquisa aqui tem uma abordagem qualitativa, pois a considero adequada, apresentando como características o ambiente natural como fonte direta dos dados, o investigador como principal instrumento de busca, o interesse mais centrado no processo que nos resultados.

Para compreender como o professor de Biologia atua foi realizada uma abordagem qualitativa pela adequação já mencionada, centrando-se no processo educativo com o uso de técnicas de observação, entrevista e análise de documentos. Segundo André (2001) a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pensador tem sempre um grau de interação com a situação estudada afetando-a e sendo por ela afetado.

As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões, esclarecer os problemas observados. Foram entrevistados dois surdos um que concluiu o ensino médio no ano de 2010 e outro que atualmente está cursando a terceira série do ensino médio, e os professores de Biologia que passaram por estes alunos. A entrevista foi elaborada a partir de roteiros semi-estruturado de entrevista onde foram abordados questionamentos como história da deficiência, causa, formação e atuação do professor na sala de aula dentre outros, tendo como foco a prática docente.

Os documentos, planos de aula, respostas dos roteiros, descrição das observações feitas, foram usados no sentido de contextualizar o objeto pesquisado, explicando suas vinculações mais profundas e complementando as informações coletadas através de outras fontes.

O local escolhido para a realização desse trabalho foi uma escola regular de ensino médio com educação inclusiva da rede pública estadual do município de Iguatu, cujos professores já possuem experiência com alunos com deficiência auditiva.

Iguatu dispõe de 5 escolas do ensino médio regular da rede estadual, porém esta apresenta maior quantidade de material didático para atuar com pessoas com surdez, assim como maior aplicação de qualificação de seus professores para lidarem com tal comprometimento auditivo, pois a escola desenvolveu uma formação com os professores, um programa do Governo do Estado "Aprender Pra Valer" cujo objetivo é melhorar as práticas pedagógicas dos professores da referida escola que tem como demanda dois alunos com deficiência visual e um com deficiência auditiva, assegurando assim os conhecimentos nas áreas das deficiências buscando melhorar a prática docente e elevar a qualidade do processo de ensino/aprendizagem desses alunos.

A pesquisa foi iniciada com a aproximação da escola, professores e alunos onde foram entrevistados os alunos surdos e os professores através de conversas e reuniões, estreitando assim os laços e facilitando o método de pesquisa.

Prosseguimos com observação da sala de aula e sua dinâmica, conhecendo mais o grupo e suas relações. Aqui prezamos pelas relações dos alunos com surdez com a aplicação da aula, na utilização de metodologias pelo professor na aula de Biologia, assim como o papel do interprete é encarado por esses dois sujeitos, professor e aluno.

Os dados coletados foram analisados à luz do referencial teórico estudado durante o levantamento bibliográfico dessa pesquisa, uma vez que são ferramentas que possibilitam ao pesquisador ampliar seu foco de estudo e compreensão do quadro social em foco.

## **RESULTADOS**

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos na coleta de dados realizada para o presente estudo, de acordo com os questionários analisados.

Conforme as respostas apresentadas pelo aluno podemos destacar que tratam-se de dois surdos, um com 17 anos de idade, apresentando surdez com grau de perda de severa a profunda, e a outra com 27 anos de idade apresentando também os mesmos graus de perda auditiva.

No que diz respeito à postura da professora os mesmo relataram que apesar da falta de experiência com alunos surdos à mesma tem se esforçado em buscar meios para facilitar o entendimento, tendo a preocupação de sempre usar o quadro durante as aulas, e questionar os alunos seja ele surdo ou ouvinte sobre o entendimento do conteúdo exposto.

Quanto ao seu relacionamento na sala de aula os mesmos disseram que é satisfatório, pois pelo fato de serem oralizados conseguem manter com os alunos uma comunicação básica, quando necessário tendo a intervenção do intérprete.

Já as professoras em seus questionários relataram que trata-se de uma experiência pioneira no município em se tratando de inclusão de alunos surdos no ensino médio. Elas disseram que quando foram avisadas que teriam na sala de aula um aluno surdo acompanhado de seu intérprete, ficaram apreensivas, pois não tinham nenhuma noção de como trabalhar com um aluno especial.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Durante as aulas foi observado uma série de fatores, alguns que tem dificultado a transmissão dos conteúdos pelo intérprete da língua de sinais. Podemos citar como exemplo a inexistência de muitos sinais em que o interprete recorre a recursos visuais como as imagens contidas no livro didático ou mesmo ao uso de classificadores para facilitar o entendimento do conteúdo.

Como já foi citado nas resoluções dos questionários, a postura das professoras de Biologia na sala de aula tem sido satisfatória, pois as mesmas, embora com a inexistência de recursos materiais tem procurado diversificar a aula com a utilização de recursos visuais como cartazes feitos com cartolina, ou mesmo transparências.

Uma das professoras disse que no ano anterior quando foi transmitir o conteúdo sobre divisão celular ficou preocupada e inconformada em não ter conseguido fazer com que os alunos assimilassem o assunto com apenas uma aula teórica, teve então a iniciativa de confeccionar alguns cartazes feitos com cartolinas enfatizando cada fase que uma célula passa quando se encontra em estágio de divisão celular.

Um dos pontos que também foi questionado durante a entrevista com os alunos foi a pouca utilização do laboratório de Biologia disponível na escola e a não realização de aulas de campo, pois os alunos aprenderiam de forma prática o que estaria sendo abordado na sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação é um processo não só do educador, mas de toda a sociedade, nela se encontra uma multiplicidade enorme de diferenças o que se propõe para que haja um modelo de inclusão flexível.

Sabemos que não é um processo fácil e que as mudanças não ocorrem imediatamente. O município de Iguatu desenvolve um sistema educacional voltado para o atendimento das pessoas com necessidades educativas especiais, muito já se foi conquistado, pois o mesmo é um dos poucos municípios em que existem alunos surdos inclusos no Ensino Médio.

Um dos pontos negativos que foi encontrado nesse trabalho foi o fato de os professores que trabalham com esse aluno serem inexperientes no processo de educação de surdos, pois o professor é a figura mais importante nesse processo sendo ele mestre e ao mesmo tempo aprendiz.

Para se trabalhar com surdos é importante que o professor tenha fluência na língua de sinais, e na falta desta, conte com a presença de um intérprete e que o professor deve dispor estratégias de ensino com base no visual, não aceitando o surdo como um ouvinte já que o mesmo encontra-se acompanhado da presença de um tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

## REFERÊNCIAS

A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoli... [et. al.]. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010.

A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue: uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas / Alejandro Rafael Garcia Ramirez, Maria Lúcia Masutti, organizadores. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009

ANDRÉ, Marli Eliza D. A Etnografia da prática escolar. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

Brasil Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. Educação Escolar da Pessoa com Surdez: uma proposta inclusiva. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005. 177 p. Tese de Doutorado.

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Educação Inclusiva: v.3: a escola / Coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2004.

Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlim (Organizadoras). - Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

GIL-PÉREZ, Daniel. Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações / Daniel Gil-Pérez, Anna Maria Pessoa de Carvalho; revisão técnica da autora: [tradução Sandra Venezuela]. 2. ed. - São Paulo: Cortez, 1995.

Góes, M.C.R. (1996). Linguagem, surdez e educação. Campinas: Autores Associados.

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência / Selma Garrido Pimenta, Maria Socorro Lucena Lima; revisão técnica José Cerchi Fusari. 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2008. - (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos).

POKER, Rosimar Bortoline. Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: uma proposta de intervenção educacional, UNESP, 2001. 363 p. Tese de Doutorado.

QUADROS, Ronice M. de. O Tradutor e Intérprete de Língua de Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Secretária de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007. 2ª Ed.

\_\_\_\_\_. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas.

SILVA, Alessandra da. Deficiência Auditiva / Alessandra da Silva, Cristiane Vieira de Paiva Lima, Mirlene Ferreira Macedo Damázio. - São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a Cultura Surda. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

### **Identificação do Autor:**

**DAMIÃO MICHAEL RODRIGUES DE LIMA**



Mestrando do Curso de Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Especialista em Ciências Ambientais pela Faculdade Integrada de Patos (FIP), Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Email: [michael\\_dmrl@hotmail.com](mailto:michael_dmrl@hotmail.com).